



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE À TURQUIA

[28-30 DE NOVEMBRO DE 1979]

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NA CATEDRAL DE SÃO JORGE NO FANAR**

Istambul, 30 de Novembro de 1979

Santíssimo e muito amado irmão

Como é bom e como é agradável viverem os irmãos em boa harmonia! (Sl 132).

Estas palavras do Salmista brotam do meu coração hoje que estou convosco. Sim, como é bom e quanto é agradável estarem os irmãos todos juntos.

Nós estamos reunidos para celebrar Santo André, um apóstolo, o primeiro a ser chamado entre os apóstolos, irmão de Pedro, corifeu dos Apóstolos. E esta circunstância acentua o significado eclesial do nosso encontro de hoje. André era apóstolo, quer dizer um dos homens escolhidos por Cristo para serem transformados pelo seu Espírito e serem enviados ao mundo como Ele próprio tinha sido enviado pelo Pai (Cfr. *Jo 17, 19*). Os apóstolos foram enviados para anunciar a Boa Nova da reconciliação em Cristo (Cfr. *2 Cor 5, 18-20*), para chamar os homens a entrarem em comunhão com o Pai mediante Cristo no Espírito Santo (Cfr. *Jo 1, 1-3*) e para reunirem assim os homens, tornados filhos de Deus, num grande povo de irmãos (Cfr. *Jo 11, 52*). Reunir tudo em Cristo em louvor e glória de Deus (Cfr. *Ef 1, 10-12*): tal é a missão dos apóstolos, tal a missão dos que, depois deles, foram escolhidos e enviados; tal é a vocação da Igreja.

Nós celebramos portanto hoje um apóstolo, o primeiro chamado entre os apóstolos, e tal festa recorda-nos a exigência fundamental da nossa vocação, a vocação da Igreja.

Este apóstolo, padroeiro da ilustre Igreja de Constantinopla, é o irmão de Pedro. Certamente

todos os apóstolos estão ligados entre si pela nova fraternidade que une aqueles cujo coração está renovado pelo Espírito do Filho (Cfr. *Rom 2, 15*), mas isto não extingue os laços específicos criados pelo nascimento e pela educação numa mesma família. André é o irmão de Pedro. André e Pedro eram irmãos e, dentro do Colégio apostólico, devia uni-los uma intimidade maior e uma colaboração mais íntima na acção apostólica.

Aqui a celebração hodierna recorda-nos ainda que entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla existem laços particulares de fraternidade e intimidade, e que é natural uma colaboração mais íntima entre estas duas Igrejas.

Pedro, irmão de André, é o corifeu dos apóstolos. Graças à inspiração do Pai, reconheceu em Jesus o Cristo, o Filho do Deus vivo (Cfr. *Mt 16, 16*). Foi encarregado de assegurar a harmonia da pregação apostólica. Irmão entre os irmãos, recebeu a missão de os confirmar na fé (Cfr. *Lc 22, 32*); é o primeiro a ter a responsabilidade de vigiar pela união de todos, de assegurar a sintonia das santas Igrejas de Deus na fidelidade à fé transmitida aos santos uma vez para sempre (*Jud 3*).

Com este espírito, animado por estes conceitos, o Sucessor de Pedro quis neste dia fazer visita à Igreja que tem como Padroeiro Santo André, ao seu venerado Pastor, a toda a sua jerarquia e a todos os seus fiéis. Quis participar na oração dela. Esta visita à primeira sé da Igreja ortodoxa mostra claramente a vontade de toda a Igreja católica de prosseguir no caminho para a unidade de todos, e também a convicção de que o restabelecimento da plena comunhão com a Igreja Ortodoxa é etapa fundamental para progresso decisivo de todo o movimento ecuménico. A nossa divisão não deve ter deixado de influir nas outras divisões que se seguiram.

A minha iniciativa coloca-se no sulco da abertura a que se lançou João XXIII. Retoma e prolonga as iniciativas memoráveis do meu predecessor Paulo VI, a que o levou primeiro a Jerusalém, onde se realizou pela primeira vez o abraço comovido e o primeiro diálogo oral com o Patriarca ecuménico de Constantinopla, precisamente no mesmo lugar onde se realizou o mistério da Redenção pela reunião dos filhos de Deus dispersos; depois o encontro realizou-se aqui, há mais de doze anos, na expectativa que a Patriarca Atenágoras fosse por sua vez visitar Paulo VI na sua sé de Roma. Estas duas grandes figuras deixaram-nos para irem para Deus: um e outro cumpriram o seu ministério, ambos abertos à plena comunhão e quase impacientes por a realizar enquanto viviam. Por meu lado, não quis demorar mais vir rezar convosco, ao vosso lado; entre as minhas viagens apostólicas já efectuadas ou projectadas, esta revestia aos meus olhos urgência e importância particulares. Ouso também esperar que, de novo, nós poderemos rezar juntos, Sua Santidade o Patriarca Dimítrios I e eu, e desta vez sobre o túmulo do apóstolo Pedro. Tais iniciativas exprimem, diante de Deus e diante de todo o Povo de Deus, a nossa impaciência pela unidade.

Durante quase um milénio, as duas Igrejas-irmãs floresceram uma ao lado da outra, como duas

grandes tradições vitais e complementares da mesma Igreja de Cristo, conservando não só relações pacíficas e frutuosas, mas o cuidado da indispensável comunhão na fé, na oração e na caridade, que a nenhum custo, queriam voltar a pôr em discussão, apesar das sensibilidades diferentes. O segundo milénio, pelo contrário, foi sombreado, à parte algumas fugazes aberturas, pela distância que as duas Igrejas tomaram reciprocamente com todas as funestas consequências. E a chaga ainda não está curada.

Mas o Senhor pode curá-la, e incita-nos a que, façamos o melhor que pudermos. Eis-nos já no final do segundo milénio: não seria tempo de apressarmos o passo rumo à perfeita reconciliação fraterna para que a alvorada do terceiro milénio nos encontre de novo lado a lado, na comunhão plena, a fim de testemunharmos juntos a salvação diante do mundo, cuja evangelização aguarda este nosso sinal de unidade?

No plano concreto, a visita hodierna demonstra também a importância que a Igreja Católica atribui ao diálogo teológico que está para iniciar com a Igreja ortodoxa. Com realismo e sensatez, em conformidade com os votos da Sé Apostólica de Roma e também como desejo das Conferências pan-ortodoxas, foi decidido retomar, entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas, relações e contactos que permitissem reconhecerem-se e criar a atmosfera necessária para um frutuoso diálogo teológico. Era necessário reconstituir o contexto antes de tentarmos refazer juntos os textos. Este período foi justamente chamado o diálogo da caridade. Este diálogo permitiu retomar consciência da profunda comunhão que já nos une, e faz que nos possamos olhar e tratar como Igrejas-irmãs. Muito foi já realizado, mas é necessário continuar este esforço. É necessário tirar as consequências desta recíproca descoberta teológica, em todos os lados onde católicos e ortodoxos vivem juntos.

É necessário superar os hábitos de isolamento, a fim de se colaborar em todos os sectores da acção pastoral, onde tal colaboração se tornou possível com a comunhão quase total que existe já entre nós. Não se deve ter medo de reconsiderar, de uma parte e da outra, e em consulta recíproca, regras canónicas estabelecidas quando a consciência da nossa comunhão — agora estreita embora ainda incompleta — ainda estava obscurecida, regras que talvez já não correspondam aos resultados do diálogo da caridade e às possibilidades que foram abertas. É importante para os fiéis de uma parte e da outra se darem conta dos progressos realizados, e seria para desejar que, os que vão ser encarregados do diálogo, tenham a preocupação de tirar as consequências, para a vida dos fiéis, dos progressos no futuro.

Este diálogo teológico, que vai agora iniciar-se, terá a finalidade de superar os mal-entendidos e os desacordos que existem ainda entre nós, se não a nível de fé, pelo menos a nível da formulação teológica. E deveria decorrer não só na atmosfera do diálogo da caridade que deve ampliar-se e intensificar-se, mas também numa atmosfera de adoração e disponibilidade.

É só na adoração, com um sentido agudo da transcendência do mistério indizível que supera todo

o conhecimento (*Ef* 3, 19) que poderão situar-se as nossas divergências e "nada impor que não seja necessário" (Cfr. Decreto *Unitatis redintegratio*, n. 18).

Parece-me, de facto, que a pergunta que devemos pôr-nos não é tanto a de saber se podemos restabelecer a plena comunhão, mas ainda mais se temos o direito de continuar separados. Esta pergunta devemos pôr-no-la em nome também da nossa fidelidade à vontade de Cristo sobre a sua Igreja, à qual uma oração incessante nos deve tornar, a uns e aos outros, cada vez mais disponíveis durante o diálogo teológico.

Se a Igreja é chamada a reunir os homens no louvor de Deus, Santo Ireneu, grande Doutor do Oriente e do Ocidente, recorda-nos que "a glória de Deus é o homem vivo" (Santo Ireneu, *Adv. Haer.* IV, 20, 7). Tudo na Igreja está ordenado para permitir que o homem viva verdadeiramente nesta plena liberdade que deriva da comunhão com o Pai, mediante o Filho, no Espírito Santo. Santo Ireneu, de facto, afirma a seguir: "e a vida do homem é a visão de Deus", a visão do Pai manifestada no Verbo.

A Igreja só pode responder plenamente a esta vocação testemunhando com a sua unidade a novidade desta vida dada em Cristo. *Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo saiba que me mandaste e o amaste como me amaste a mim* (*Jo* 17, 23).

Seguro de que esta nossa esperança não pode ser desiludida (Cfr. *Rom* 5, 5), volto a manifestar-vos, amadíssimos irmãos, a alegria de encontrar-me entre vós, e convosco dou graças ao Pai do qual vem todo o dom perfeito (Cfr. *Jo* 1, 17).